

“COMPARTILHAR É COOL!”: O *COWORKING* É A NOVA CARA DO TRABALHO DO EMPREENDEDOR JOVEM, QUALIFICADO E FLEXÍVEL

Breilla Zanon¹

Os espaços de *coworking* são uma nova tendência em meio aos modelos de trabalho flexível. De olho nesse novo modelo desde 2013, quando dei início às minhas pesquisas sobre o tema na Universidade Federal de Uberlândia - UFU, o objetivo deste artigo é trazer alguns dados e informações sobre a sua origem e também mostrar como ele vem se distribuindo por todo mundo. Quero também expor algumas reflexões críticas sobre esses espaços, reflexões essas que venho aprofundando agora durante o doutorado em Sociologia na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, e que fazem parte do corpo de pesquisas encaminhadas pelo LEST-M/UFSCar (Laboratório de Estudos sobre Trabalho, Profissões e Mobilidades). Dentre os interesses que trago na minha tese, vou expor brevemente aqui dois em específico: 1º) como o surgimento do *coworking* pode ser representado por dois momentos – um em que pode ser entendido como uma dinâmica, fruto da própria experiência dos trabalhadores frente a momentos de incerteza do mercado de trabalho; e outro como um ramo de negócio, sobretudo, imobiliário; 2º) a reflexão sobre o porquê desses espaços se tornarem locais estrategicamente interessantes para grandes empresas que buscam por inovação.

AFINAL, O QUE É UM ESPAÇO DE *COWORKING*?

Estudos, pesquisas e obras inteiras de autores da Sociologia e da Economia já se dedicaram a analisar quão intensa foram as mudanças sofridas pelo mundo do trabalho a partir da década de 70 devido aos processos desencadeados pela reestruturação produtiva. O que proponho aqui, é observar os reflexos dessa mudança, mais especificamente, as novas formas de trabalho que surgiram ao fim do século XX, no caso, uma em especial: o *coworking*.

Os espaços de *coworking* são exemplos que ilustram muito bem como a flexibilidade se tornou a palavra de ordem em meio às novas formas de organização do

¹ Graduada e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, e integrante do LEST-M/UFSCar (Laboratório de Estudos sobre Trabalho, Profissões e Mobilidades).

trabalho, mas mais que isso, como esse ideal de ser flexível passa a ser entendido como prerrogativa para a liberdade e o sucesso, e assim, incorporado pela subjetividade dos próprios trabalhadores. Mas antes de cair em uma reflexão sobre todas as transformações que tornaram possível o aparecimento desse novo perfil de trabalhador – que vê o espaço de *coworking* como um ecossistema ideal para o desenvolvimento de sua vida profissional em meio a tantas mudanças e instabilidades trazidas a reboque das políticas econômicas neoliberais das últimas décadas –, precisamos definir o que é *coworking*.

No decorrer das pesquisas que venho realizando sobre o tema desde o ano de 2013, tenho observado que o *coworking* pode se classificar tanto como uma dinâmica ou como um espaço de trabalho. Em ambos os casos, o que se exalta é o ideal do compartilhamento, ou seja, trabalhar junto com outros profissionais, dividindo um mesmo espaço.

Toda ideia de *coworking* vem na esteira daquilo que convencionou-se chamar nas últimas décadas de Economia Compartilhada. Tratam-se de novas práticas econômicas que ganham esse nome por promoverem uma filosofia mais humana do capital, representada por ideais de sustentabilidade e responsabilidade social na criação e distribuição de seus produtos (SILVEIRA; PETRINI & SANTOS, 2016). O *coworking* é um exemplo que nos permite ver como essa tendência é algo que também vem se refletindo sobre as formas de organização das relações de sociabilidade, sobretudo em meio ao mundo do trabalho. A colaboração passa a ser um valor exaltado como solução frente às formas rígidas e hierarquizadas dos modelos fordistas (SLEE, 2017) e o *coworking* traz em sua essência esse ideal de compartilhamento. O próprio termo, sob o prefixo “co”, corresponde à perspectiva da cooperação, compartilhamento e comunidade, valores fundamentais dentro do conceito de *coworking* (ZANON, 2015).

Assim, de maneira objetiva, quando falamos em espaços de *coworking* hoje, estamos falando de escritórios que partem do propósito de colocar em contato em um mesmo ambiente compartilhado diversos profissionais – sendo sua grande maioria jovens (em média 33 anos) e graduados/pós-graduados (85%)² – chamados então de *coworkers*, para que assim eles possam dividir os custos de manutenção de um local de trabalho, mas

² Nota: Todos os dados relativos aos surveys se encontram na página da Deskmag. Esses, em específico, correspondem ao *Global Coworking Survey* de 2011 e 2016, desenvolvido pela Deskmag e respectivamente disponível em: <http://www.deskmag.com/en/all-results-of-the-global-coworking-space-survey-200> e <http://canada.gcuc.co/wp-content/uploads/2016/presentations/DESKMAG%20GCUC%20GLOBAL%20COWORKING%20SURVEY%20PRESENTATION%202016%20SLIDES.pdf>, e recentemente atualizados e publicados no artigo *The members: Who works in coworkings spaces?* da mesma revista, disponível em: <http://www.deskmag.com/en/members-of-coworking-spaces-demographics-statistics-global-survey-coworkers-research-2017>. Acesso em 20/09/2017.

também seja potencializado um ambiente criativo, autônomo e flexível, propício a um melhor rendimento, criando oportunidades de conexão, ou seja, de formação e ampliação de *networking*, a partir da diversidade de informações, conhecimentos, experiências e do espírito de colaboração que passa a dar o tom a essa nova forma de se trabalhar.

Após essa definição, o que faremos adiante é uma reflexão sobre a origem e o desenvolvimento desse modelo de trabalho, na tentativa de desvelar algumas convergências que ele traz em relação aos anseios das políticas econômicas neoliberais aplicadas ao mundo do trabalho.

“É PRECISO CORRER O RISCO JUNTOS”

Existe uma divergência em torno da verdadeira origem do primeiro espaço de *coworking*. Oficialmente, muitas fontes consideram o *Hat Factory*, fundado em São Francisco (Califórnia, EUA), como o primeiro espaço de *coworking*. No entanto, seu fundador, Brad Neuberg garante que esse marco trata-se de um erro que acabou sendo reproduzido pelas diversas fontes da internet, principalmente pela Wikipedia. Antes de fundar o *Hat Factory* em 2005, Neuberg já havia criado meses antes o *San Francisco Coworking Space*³. Localizado no *Spiral Muse* – um espaço onde funcionava as atividades de um coletivo feminista –, o local era definido pelos seus frequentadores como uma “casa de bem-estar” que poderia ser compartilhada por trabalhadores que estavam cansados dos grandes centros empresariais e do isolamento do *home-office*. Além de espaço para a realização de seus trabalhos, o local disponibilizava acesso à internet, refeições compartilhadas, pausas para meditação, massagem, passeios de bicicleta e fechava criteriosamente às 17 horas e 45 minutos da tarde. O espaço fechou no ano seguinte, mas seu surgimento já inaugurava um novo mercado para o mundo do trabalho flexível.

³ Nota: Existe fontes amplamente divulgadas que classificam o *Hat Factory* como o primeiro espaço de *coworking*, também fundado em São Francisco. Essa informação é a que consta em nosso trabalho de mestrado. No entanto, observando a divulgação errônea desse marco, o próprio Neuberg recentemente retificou tal informação, esclarecendo que o primeiro espaço de *coworking* teria sido o *San Francisco Coworking Space* e que o *Hat Factory* havia sido fundado em um segundo momento. Em suas próprias palavras, “the first coworking space was the San Francisco Coworking Space at Spiral Muse (not the Hat Factory as has been misprinted sometimes)”. Informações disponíveis em: http://codinginparadise.org/ebooks/html/blog/start_of_coworking.html e <http://www.deskmag.com/en/the-history-of-coworking-spaces-in-a-timeline>. Acesso, 23/09/2016.



Figura 1. Foto da fachada do primeiro espaço de coworking, São Francisco (Califórnia – USA)

O local de seu surgimento demarca um contexto de tempo e espaço interessantes: o Vale do Silício poucos anos após o estouro da então chamada *dot-com bubble*⁴. Esse momento foi marcado pela falência de vários empreendimentos que até então estavam empolgados com a lucratividade dos negócios da Internet. Com o estouro da bolha da internet, vários profissionais com características e anseios muito em comum, se vêm à deriva. Tratavam-se de jovens, qualificados, de classe média, ligado à atividades que envolvem – mais ou menos intensamente – tecnologias informacionais e que, mais que isso, traziam em seu perfil de trabalhador uma nova racionalidade, com uma perspectiva mais empreendedora, características próprias do lugar. Podemos dizer que essas características eram algo que havia sendo forjado durante todo esse tempo de transformações que decorreram da reestruturação produtiva e que colocou a baía de São Francisco – região geográfica em que se localiza o Vale do Silício – como o grande centro

⁴ O estouro da *dot-com bubble*, ou bolha da internet, decorre de um período que tem início na década de 90, quando os preços das ações da Internet nos Estados Unidos “aumentaram quase cinco vezes e a taxa de crescimento do patrimônio líquido acelerou de 10,4 por cento ao ano entre 1990 e 1995 para 21,2% ao ano entre 1995 e 2000” (KRAAY; VENTURA, 2005, tradução nossa). Esse período de intenso investimento conhecido também como *dot-com mania*, entrou em seu auge e consequente colapso entre os anos de 1998 e 2000, período que também ficou conhecido como a “corrida do ouro do Vale do Silício” (THIEL, 2014).

de uma cultura permeada pela tecnologia, inovação e empreendedorismo (MISKOLCI, 2014). Assim, todo aparato tecnológico que foi possível criar no Vale, possibilitou que em torno dele se construísse um ecossistema que, apesar dos altos e baixos do mercado ligado às novas tecnologias e à internet, se manteve como atrativo para jovens com perspectivas de empreender. No entanto, é preciso dizer que não se tratou de algo determinado simplesmente pela tecnologia, mas por todo um contexto de transformações políticas, econômicas e sociais que possibilitaram que naquele local em específico surgisse um estado de espírito capaz de atrair esse novo perfil de trabalhador (MARTEL, 2015).

O interesse de Neuberg em abrir um espaço de *coworking* deriva da sua insatisfação com seus empregos anteriores. Na época em que organizou o primeiro espaço de *coworking* relata que já havia passado por trabalhos autônomos, e que o trabalho que até então estava desenvolvendo em um *startup*, não estava lhe proporcionando felicidade. Segundo suas próprias palavras ele buscava pela “liberdade e independência de se trabalhar sozinho junto com a comunidade e a estrutura de se trabalhar com outras pessoas”⁵. Assim, fazendo uma digressão histórica sobre o surgimento do primeiro espaço de *coworking* e observando esse processo sob uma perspectiva mais ampla, meu argumento é de que não se trata apenas de uma mão-obra oriunda da onda de desemprego decorrentes dos processos de reengenharia do mercado de trabalho implementados pelas grandes empresas nas últimas décadas do século XX (SENNETT, 2009), mas trata-se também de trabalhadores mais jovens que isso, ou seja, que não precisaram necessariamente passar por um processo de adaptação a essas transformações, mas que, por já entrarem no mercado de trabalho sob essa nova condição, trazem em sua formação profissional atributos coerentes e desejáveis para um mundo do trabalho cada vez mais flexibilizado (THIEL, 2014). Organizações flexíveis de trabalho, acabaram portanto, por se tornarem alternativas buscadas por esses trabalhadores que já não mais se encaixavam aos padrões fordistas de décadas anteriores.

Quando olhamos para o contexto de surgimento e para as características dos *coworkings*, vemos que o Vale refletiu toda uma nova configuração tanto das formas de se produzir valor, como da própria relação entre os trabalhadores e a própria ideia de trabalho. Essa reconfiguração, apesar de ter sido desencadeada a partir do processo de reestruturação produtiva que se inicia décadas antes, ganha evidência nos anos 90 com a

⁵ Tradução nossa. Disponível em: http://codinginparadise.org/ebooks/html/blog/start_of_coworking.html
Acesso em: 23/09/2016

difusão das novas tecnologias. É a partir daí que essa distribuição da tecnologia – que até então estava muito restrita às organizações governamentais, científicas e acadêmicas – para o mercado e à sociedade civil abre margem para transformações sócio-técnicas mais visíveis, uma vez que nos possibilita ver por meio de contextos práticos, como se constitui um amálgama coerente e complementar entre a 1º) demanda por um novo modelo de produção frente a uma crise econômica, 2º) as novas tecnologias decorrentes dessa demanda e conseqüentemente, 3º) as novas subjetividades, forjadas por novos valores desencadeados a partir dessa nova configuração por meio da qual os indivíduos passaram a definir seus desejos e anseios sobretudo no que tange a sua relação com o mundo do trabalho.

O fato que nos chama atenção é que, apesar do primeiro espaço ter sido oficialmente inaugurado em 2005, o significado do termo já vinha se modelando em épocas anteriores. Já em 2003, o próprio Neuberg já havia criado um grupo o qual chamava de “*Nine to Five Group*”, onde as pessoas se encontravam em coffee shops e eventualmente trabalhavam juntas. A princípio, o *coworking* era apenas uma forma de classificar uma nova experiência de gestão do trabalho que já correspondia aos anseios da época por dinâmicas que pudessem criar mais autonomia, mas também mais oportunidade de conexões aos profissionais envolvidos⁶. Por isso, meu argumento durante esses anos de pesquisa sobre o tema é de que existem duas etapas da construção da ideia sobre o que seria o *coworking*: 1º) a do entendimento como dinâmica e posteriormente, 2º) como espaço de trabalho.

Entendo então, que esse primeiro momento, que desenha o *coworking* como dinâmica já a partir do final da década de 90 – e antes de ser a definição de um espaço físico em si –, é uma reação dos próprios trabalhadores. Uma reação que vai sendo construída com elementos incorporados desde a década de 70. Olhando sob uma perspectiva histórica, vemos que o desemprego de mão-de-obra qualificada em decorrência dos processos de reestruturação desse período, lançou à sorte uma massa de

⁶ Originalmente, *coworking* trata-se de um termo que remete a textos do século XVII, onde é usado para se remeter à trabalhos divinos feitos em colaboração com representantes terrenos. Em seu sentido moderno, existe uma disputa sobre o cunho do termo. Ele teria surgido em 1999, quando Bernie DeKoven o usa para descrever as formas de trabalho colaborativa que se utilizam de computadores e outras tecnologias atuais, mas nada diz a respeito de um espaço de trabalho propriamente dito. DeKoven, inclusive, acaba registrando o domínio do termo. O uso da palavra *coworking* para definir espaços de trabalho colaborativos foi só usado posteriormente, em 2005, por Brad Neuberg. Disponível em: <http://wiki.coworking.org/w/page/68852527/History%20of%20Coworking%20-%20a%20timeline>, <http://www.deskmag.com/en/the-history-of-coworking-spaces-in-a-timeline> e http://codinginparadise.org/ebooks/html/blog/start_of_coworking.html. Acesso em: 05/01/2017.

trabalhadores que, mediante a instabilidade e a falta de perspectiva de novas contratações, já começavam a ver o trabalho autônomo como uma alternativa viável. É portanto, nesse momento que já vai se definindo um novo perfil de trabalhador, dotado de uma nova racionalidade e novas perspectivas estratégicas para lidar com as fragilidades do mercado de trabalho pelas quais se deparava. Parece ser esse o momento em que o capital se consagra em incorporar toda a crítica de Maio de 68. Já nessa época, vai se construindo a ideia de que ser autônomo não deveria gerar medo ou insegurança. Deveria corresponder à liberdade para poder tomar suas próprias decisões, algo que há tanto tempo os trabalhadores vinham reivindicando por meio de manifestações sociais e que agora, sob essa perspectiva, poderia também ser estrategicamente usado pelo capital como forma de acomodar e motivar uma mão-de-obra em situação de imprevisibilidade (BOLTANSKI & CHIAPELLO, 2009).

O tempo passa, e a possibilidade de trabalhar autonomamente ou remotamente em suas casas, começa a trazer problemas relacionados à interrupção, o que leva à baixa produtividade dos trabalhadores (ZANON, 2015). Dados que vêm sendo observados desde os primeiros surveys da Deskmag⁷ mostram que as principais razões que motivaram esses profissionais a se juntarem sob um mesmo espaço de trabalho seria a fuga do isolamento e das distrações que o *home-office*⁸ estaria gerando. Por isso que, quando perguntados sobre sua última localização de trabalho, muitos deles relatam terem vindo de estações de trabalho em casa.

⁷ Surveys disponíveis em <http://www.deskmag.com>. Acesso em: 05/01/2018.

⁸ *Home-office* é o conceito reformulado e mais moderno para teletrabalho, que aparece nas cartilhas empresariais a partir dos anos 90 “onde os trabalhadores formam equipes e trabalham, individualmente ou em grupo, em espaços diferentes, podendo ser dentro ou fora dos escritórios de suas empresas” (SILVA, 2009, p. 87)

Último local de trabalho antes do coworking

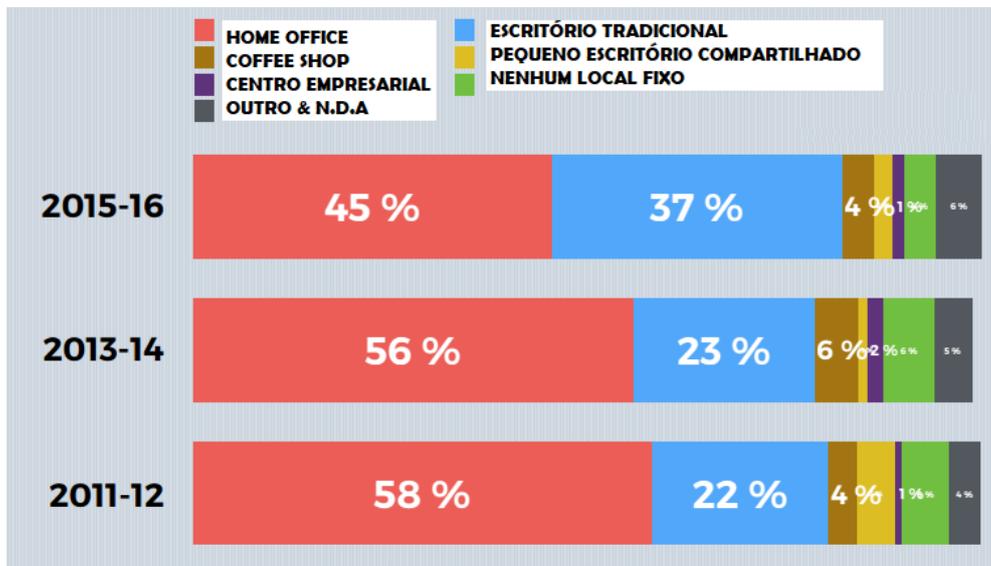


Gráfico 1. Fonte: The Global Coworking Survey – Final Results 2016

No entanto, não existe um estudo acadêmico em específico que analise essa transição. O que existem são revistas especializadas na área de administração e empreendedorismo lançando algumas hipóteses sobre a passagem da dinâmica de *home-office* para o *coworking*. Dentre elas, as queixas de depressão ocasionada pelo isolamento passam a dar base a hipóteses de que existe a necessidade de interação entre as pessoas no mundo do trabalho, e tal interação não é devidamente proporcionada pelo *home-office*. Esse tipo de queixa se apresentou inúmeras vezes em meio às entrevistas realizadas em campo, durante o período da pesquisa na fase do mestrado e agora, no doutorado.

Quando eu fui CLT e trabalhei em grupo foi muito legal. E quando eu era *freelancer*, eu trabalhava sozinho e com pessoas que estavam remotas. Então eu tinha colaborador no Rio de Janeiro, eu tinha em São Paulo, mas não tinha ninguém sentado na sala comigo. Foi uma época bastante solitária do ponto de vista do trabalho. (...) Eu não aguentava ficar mais dentro de casa trabalhando. (Tales, 36 anos, startup em São Carlos-SP)⁹

O que a fala de Tales traz em comum com tantos outros profissionais que saem do *home-office* à caminho do *coworking* é o fato de que o isolamento acabou por refletir em baixa produtividade, e além dele, interrupções ocasionais causadas pelo ambiente familiar colaboraram com a perda de rendimento¹⁰. Além disso, estar em contato com outras

⁹ Nota: Com o intuito de preservar a identidade dos nossos entrevistados, os nomes aqui citados são fictícios.

¹⁰ Mais detalhes sobre o baixo aproveitamento dos home-offices podem ser encontrados no artigo Home-office X Coworking, disponível em: <http://revistaatitude.com.br/site/desenvolvimento-pessoal/home-office-xcoworking/>. Acesso em: 05/09/2014.

pessoas não só diminuiria a ansiedade e a depressão do isolamento, mas também aumentava consideravelmente as possibilidades de se trocar informações e criar redes de trabalho, ou seja, as *networkings* (ZANON, 2015).

Assim, em linhas gerais, o que temos aqui, nesse primeiro momento do *coworking* é, portanto, uma demanda e necessidade por parte dos trabalhadores, tanto em contornar o isolamento que a autonomia do *home-office* – que a princípio aparecem como soluções à esse desemprego – desencadeia com o passar do tempo, quanto em lidar com o problema do desemprego e das instabilidades e incertezas do mercado que se tornaram comuns mediante a implementação de políticas econômicas cada vez mais neoliberais. Esse momento é, portanto, a construção do pensamento do *coworking* como dinâmica. No entanto, se fizermos um paralelo, podemos dizer que é também o mesmo momento em que o mercado de trabalho buscava por estratégias que acomodassem, motivassem e trouxessem segurança emocional a esses trabalhadores (SENNETT, 2009). É em decorrência dessa tendência que vemos então como se insere a segunda perspectiva do *coworking*, ou seja, do *coworking* como formalmente um espaço físico de trabalho que passa a se distribuir pelo mundo. Essa segunda tendência foca em uma demanda que também vem da experiência negativa dos trabalhadores ocasionada pelo isolamento do *home-office*: a necessidade de interagir.

Características como compartilhamento e interação são intensamente reverberadas nas mídias e peças publicitárias que difundem os discursos institucionais desses espaços, bem como permeiam os valores elencados pelos próprios profissionais quando perguntados sobre o modelo. A foto e o gráfico abaixo nos ajudam a visualizar um pouco disso na prática:



Figura 2. Parede de um espaço de coworking (Diário de campo, São Paulo – SP, 2016)

Quais dos seguintes valores ou princípios são mais importantes para os *coworkers*

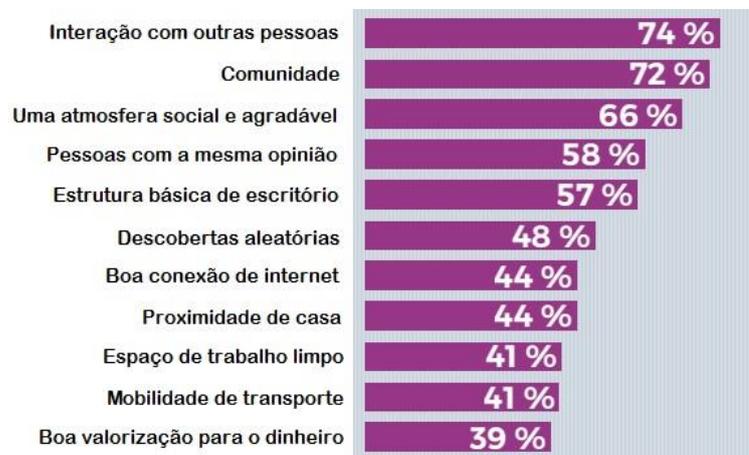


Gráfico 2. The Global Coworking Survey – Final Results 2016

Essa necessidade de interação e sua exaltação como um valor a ser estimulado se reflete no desejo em pertencer e usufruir de uma rede de informações a partir desses locais. Assim, o *peer pressure* revela como essa importância do compartilhamento e da interação se apoia no que diz respeito não só à segurança, mas em principal à produtividade dos *coworkers*.

A segunda grade força é o sentimento de confiança e de colaboração entre os residentes, um conceito que os teóricos chamam de *peer pressure* (pressão dos pares). Um estudo do instituto alemão Fraunhofer IAO já identificou que a presença de pessoas com diferentes habilidades e perspectivas sobre como resolver os problemas tem um efeito positivo sobre a motivação e o desempenho de cada um. (PIRES & FEIJÓ, 2017, p. 82)

Vemos então que, o que muda nesse momento em que o *coworking* se transforma em um espaço físico de trabalho é que o caráter empreendedor do trabalhador é intensamente evocado na construção de seu significado e assim, mobilizado por discursos neoliberais que exaltam as perspectivas humanas na geração de valores e motivações dentro do trabalho. É nesse momento que se abre um cenário para o mercado de *coworking*. De maneira estratégica, a autonomia e a coletividade passa a ser vinculada a esse novo modelo, a fim de atender aos desejos por realização e conter as ansiedades ligadas a própria instabilidade do mercado. O fato de estar em ambiente coletivo e de se sentir parte de uma equipe novamente, ameniza o sentimento de insegurança frente a um contexto permeado por incertezas e instabilidades (SENNETT, 2009). Esses elementos, apesar de partirem das experiências e demandas dos trabalhadores, começa a ser fortemente aplicados na literatura de gestão empresarial e pessoal das organizações capitalistas¹¹. É aqui, portanto, que podemos ver uma passagem do *coworking* como alternativa pensada pelos próprios trabalhadores, para a proliferação do *coworking* como um espaço fixo de organização do trabalho estrategicamente utilizado pela mentalidade empresarial.

O MERCADO DO COWORKING E O ECOSSISTEMA DO

¹¹ É importante ressaltar que muitos países vêm regulamentando o trabalho flexível ou remoto, como alguns classificam, o que contribui tanto para o home-office quanto para o coworking. Um dos exemplos é a Inglaterra. De acordo com o Movebla, um dos sites informativos sobre trabalho e mobilidade, com foco no coworking, a partir de junho do ano de 2014, “milhões de profissionais ingleses [puderam] requerer às suas empresas o direito de trabalhar remotamente por horas ou o dia inteiro. Tratam-se de novas medidas do governo da Inglaterra, que inicialmente beneficiavam cuidadores de crianças, ou estudantes que queiram seguir uma formação ou aprendizagem adicional. Agora, qualquer pessoa pode requerer trabalho flexível no país”. De acordo com a BBC, tantos os sindicatos quanto empresas receberam bem a ideia. Disponível em: <http://www.movebla.com/3085/trabalho-flexivel-passa-a-ser-um-direito-na-inglaterra/> e <http://www.bbc.com/news/business-28078690>. Acesso em: 23/09/2014.

EMPREENDEDORISMO

Ao transformar uma dinâmica de trabalho em um espaço físico – aos moldes de um escritório compartilhado – e em um novo modelo de organização do trabalho, os espaços de *coworking* tornam-se ambientes férteis tanto para trabalhadores autônomos, quanto para aqueles que buscavam se fortalecer quanto empreendedores. Bianca nos ajuda a ver como isso funciona:

Quando a gente chegou, no dia 2 a gente já tinha projeto. Foi o que ajudou a gente a crescer. Porque é muito difícil você entrar no mercado, porque você não tem portfólio, você não tem nome, ninguém te conhece, ninguém sabe como é o seu trabalho porque você não vendeu o seu trabalho pra ninguém ainda. A primeira venda é extremamente difícil e gente pulou essa parte por causa do *coworking*. (...) A partir daí as coisas só foram crescendo e melhorando. A gente começou com 02 spots no *coworking*, hoje a gente tem uma sala com 06 funcionários. A gente já tá preparando pra expandir. Nossa projeção é muito boa. E assim, se eu tivesse aberto a empresa fora de um *coworking*, fora de um ambiente colaborativo, talvez não teria dado certo. (Bianca, 28 anos, *startup* em São Carlos)

Tratar o *coworking* como um mercado foi algo que nos pareceu evidente nessa etapa da pesquisa. Os gestores dos espaços se consideram empreendedores e, a partir do campo e das entrevistas, pudemos conferir que realmente, o *coworking* abrange uma grande tendência de negócios, sobretudo imobiliários, uma vez que os profissionais que utilizam esses locais pagam uma taxa de aluguel que corresponde ao plano que eles necessitam. Esses planos variam, em linhas gerais, entre mesas compartilhadas e salas privativas, com o adicional de salas de reuniões e materiais que eventualmente cada *coworker* possa vir a precisar. Um fato que veio corroborar com toda essa perspectiva em tratar o *coworking* como um setor do mercado empreendedor foi a matéria da revista *Pequenas empresas & Grandes negócios*, de julho de 2017, que demonstram como o *coworking* se tornou tendência, apontando para o crescimento e a lucratividade do ramo nos últimos anos.



Figura 3. Espaço de coworking, São Paulo – SP

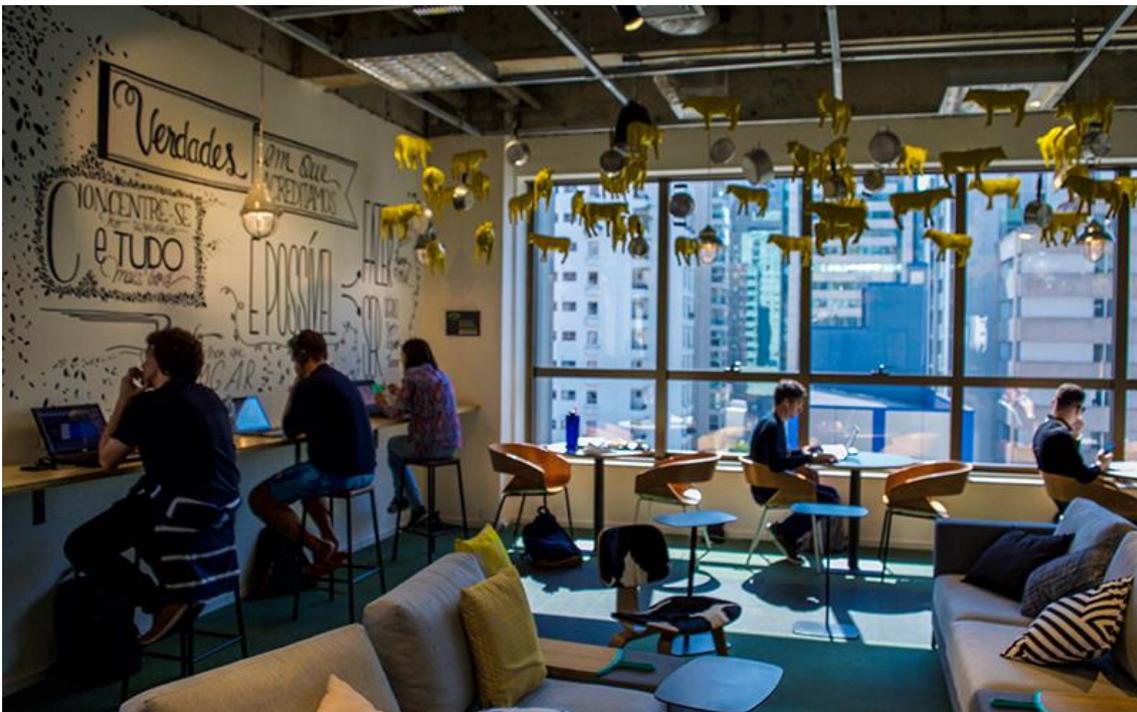


Figura 4. Espaço de coworking, São Paulo – SP

De acordo com o survey global, até 2015 foram registrados 8700 espaços de *coworking* em todo mundo. Quando olhamos para o Brasil, esses números são ainda mais

expressivos. O *Censo Coworking Brasil*, nos mostra que hoje o país conta com 810 espaços de *coworking*, sendo 62% deles localizados em alguma capital – 217 só na cidade de São Paulo. É interessante observar que do ano de 2016 para março de 2017, mês em que os dados foram lançados, a taxa de crescimento do mercado de *coworking* no Brasil foi de 114%. Ou seja, 432 espaços foram criados no período de um ano. Em um *hangout* que participei no início de 2017¹², os convidados se atentaram para essa explosão no número de espaços de *coworking* no país. Todos concordaram que o período de crise foi fundamental para o crescimento desse mercado, uma vez que foi nesse período que empresas tradicionais passaram a buscar por novas estratégias para cortar gastos e lidar de maneira positiva com as turbulências econômicas, e uma das alternativas viáveis para muitas delas, foi transferir ou então migrar parte da empresa para esses espaços.

Assim, ao atender às demandas desses trabalhadores em um primeiro momento – ao mesmo tempo em que aliava tais demandas a todo um repertório do empreendedorismo –, já numa segunda etapa, os espaços de *coworking* passam a ser vistos como ambientes capazes de prover e reproduzir a atmosfera necessária para alimentar a criatividade, o colaborativismo, e as oportunidades de *networking*, criando um ambiente seguro, motivador da inovação e confiança, elementos que desde Schumpeter, já se mostravam como fundamentais para o desenvolvimento de uma racionalidade empreendedora.

CONCLUSÃO: UM OBJETO EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO

O que tentamos fazer aqui foi uma breve análise, baseada em pontos muito específicos do *coworking*. Diante de toda sua trajetória, o modelo de espaços de trabalho compartilhados já nos mostra sua adaptabilidade e constante transformação mediante as mudanças da própria economia. Portanto, trata-se de um objeto que comporta ainda inúmeras análises e que tende a nos proporcionar novos elementos de pesquisa com o passar dos anos.

Dito de outra maneira, existe muito ainda a ser dito e analisado sobre os espaços de *coworking*. O que torna esses locais tão interessantes é o fato de que eles representam as transformações pelas quais não só as formas de trabalho vem passando nas últimas décadas, mas deixa evidente um novo perfil de trabalhador, com novas demandas e interesses. Apesar de ser um perfil de trabalhador flexível, aberto a lidar com os riscos e

¹² *Coworking Hangout #1: Qual o futuro do coworking?* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zPTXg4-HZ-E> Acesso em: 02/02/2017.

incertezas do mercado e interessado em manter-se em contato com uma diversidade pujante, os espaços de *coworking* nos permite ver como o espírito empreendedor atravessa toda essa diversidade e é canalizado em meio a contextos originalmente atravessados por fragilidades. Em linhas gerais, tanto as condições do seu surgimento no Vale do Silício quanto o retrato de seu crescimento no Brasil nos últimos anos, nos mostra isso: o quanto um modelo flexível de trabalho, baseado em uma filosofia neoliberal onde o compartilhamento e os atributos humanos passam a ser tomados como propulsores dos valores capitais, possibilita ressignificar situações de precariedade e instabilidade do mercado de trabalho em momentos de crise, convertendo-as em características ou etapas de um espírito empreendedor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOLTANSKI, Luc. CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KRAAY, Aart; VENTURA, Jaume. The dot-com bubble, the bush deficits and the U.S. current account. *NBER Working Paper*. n. 11543. Agosto, 2005.

MARTEL, Frédéric. *Smart: o que você não sabe sobre a internet* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

MISKOLCI, Richard. San Francisco e a nova economia do desejo. *Lua Nova*, São Paulo, n. 91, p. 269-295, 2014

OFEK, Eli; RICHARDSON, Mathew. DotCom Mania: The Rise and Fall of Internet Stock Prices. *The journal of finance*. Vol. 58, n. 3, p. 1113-1137, jun/2003.

PIRES, Fabiana; FEIJÓ, Bruno Vieira. Conexões de impacto. In: *Pequenas empresas & Grandes negócios*, jul. 2017.

SCHUMPETER, Joseph Alois. *Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Rogério Ramalho da. *Home-officer: um surgimento bem sucedido da profissão pósfordista, uma alternativa positiva para os centros urbanos*. Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana, Curitiba, v. 1, n.1, p. 85-94, jan./jun. 2009

SILVEIRA, Lisilene Mello; PETRINI, Maira; SANTOS, Ana Clarissa Matte Zanato.

Economia compartilhada e consumo colaborativo: o que estamos pesquisando? In: *REGE – Revista de Gestão*. São Paulo. n. 23, p. 298-305, 2016.

SLEE, Tom. *A uberização: A nova onda do trabalho precarizado*. São Paulo : Editora Elefante, 2017.

THIEL, Peter. *Zero to one: notes on startups or how to build the future*. Crown Business - New York, 2014.

ZANON, Breilla. *Rede, coworking e emancipação intangível: um olhar sobre a flexibilidade, biopolítica e subjetividade a partir da reestruturação produtiva*. 114 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Uberlândia, 2015.

REFERÊNCIAS INTERNET:

BBC. *Flexible working rights extended to all*. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/business-28078690> . Acesso em: 23/09/2014

COSTA, Anderson. *Trabalho flexível passa a ser um direito na Inglaterra*. Disponível em: <http://www.movebla.com/3085/trabalho-flexivel-passa-a-ser-um-direito-na-inglesa/> Acesso em: 23/09/2014

FOERTSCH, Carsten; CAGNOL, Rémy. *The history of coworking in a timeline*. Disponível em: <http://www.deskmag.com/en/the-history-of-coworking-spaces-in-a-timeline> . Acesso em 23/09/2016.

NEUBERG, Brad. *The start of coworking (from the guy that started it)*. Disponível em: http://codinginparadise.org/ebooks/html/blog/start_of_coworking.htm . Acesso em: 23/09/2016.

OLIVEIRA, Jonas. *Home office X Coworking*. Disponível em: <http://revistaatitude.com.br/site/desenvolvimento-pessoal/home-office-x-coworking/> Acesso em: 05/09/2014.